
NOVA CAMADA DE ENCOBRIMENTO DO MUNDO DA VIDA*

DOI 10.18224/frag.v31i1.8628

NATHALIE BARBOSA DE LA CADENA**

Resumo: neste artigo pretendo estender a evidenciação do encobrimento do mundo da vida formulada por Husserl ao uso das tecnologias disruptivas da 4ª Revolução Industrial, mais precisamente o uso da inteligência artificial (IA) nas plataformas sociais. Primeiro, apresento o conceito de mundo da vida que se mantém consistente ao longo das obras de Husserl; em seguida, apresento seu encobrimento derivado da matematização da natureza e do rompimento com o telos, o que originou a crise da humanidade europeia. Segundo, mais camadas de encobrimento do mundo da vida vão se sobrepondo com a 3ª e 4ª RIs. Em mais detalhe, o encobrimento e o afastamento do mundo da vida provocado pelo uso da IA e seus efeitos negativos, individual e coletivamente. Terceiro, a proposta Husserliana de retorno ao mundo da vida através de uma epoché radical. Concluo que a solução proposta por Husserl para a crise ainda é atual e urgente.

Palavras-chave: Husserl. Mundo da Vida. 4ª Revolução Industrial. Inteligência Artificial.

Quando Husserl fez sua crítica ao positivismo, alertou sobre o encobrimento do mundo da vida. A imposição dos pressupostos, categorias, modelos, explicações, método e matematização da natureza gerou uma expectativa de previsibilidade e controle tanto da natureza como do ser humano que pareciam inexequíveis. No entanto, Husserl não imaginara que viriam ainda mais duas Revoluções Industriais (RIs): a Revolução

* Recebido em: 15.10.2020. Aprovado em: 02.11.2020.

** Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora - Departamento de Filosofia. Doutora em Direito pela Universidad de Valladolid – Espanha. Pós-doutorado em Filosofia na Durham University - Inglaterra. Doutora em Filosofia pela UFRJ. Suficiência Investigadora pela Universidade de Valladolid - Espanha. Mestre em Filosofia pela UFRJ. Bacharel em Filosofia pela UFRJ. Advogada. Bacharel em Direito pela Universidade Cândido Mendes. Professora do Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGFIL-UFJF). Professora do Programa de Pós-graduação em Direito e Inovação (PPGDIR-UFJF). Membro da AFFEN (Associação Portuguesa de Filosofia fenomenológica). Membro do Conselho editorial da Revista Ética e Filosofia Política. *E-mail:* nbcadena@gmail.com

Digital (3ª RI) e a Revolução da Internet (4ª RI). Agora, a pretensão positivista parece estar se tornando realidade. A sociedade da informação possibilitou a criação de mecanismos de previsão e controle do comportamento humano jamais vistos.

Neste artigo, pretendo esclarecer que, embora a tecnologia tenha avançado muito, os fundamentos filosóficos identificados por Husserl na análise de seu momento histórico seguem os mesmos. Por esta razão, suas reflexões sobre o encobrimento do mundo da vida da Europa espiritual durante o século XX permanecem atuais e aplicáveis numa escala globalizada no século XXI.

Apresentarei, primeiro, de maneira breve, o olhar fenomenológico de Husserl sobre o que se passava com a Europa espiritual naquele momento cujas raízes remontam a Revolução científica. A evidenciação do mundo da vida como *a priori* co-dado e a constatação do seu encobrimento. Segundo, um panorama histórico da 3ª e 4ª RIs, com ênfase na tecnologia da informação, mais especificamente no uso atual da Inteligência Artificial (IA) pelas plataformas sociais. A partir deste relato, espero que fique claro como novas camadas de encobrimento do mundo da vida têm sido gradativamente sobrepostas. Terceiro, concluo que o que vivemos hoje não é, em essência, muito diferente do que Husserl assistiu no século XX. Na verdade, são apenas novas camadas fundadas nos mesmos pressupostos filosóficos: a negação da metafísica, a matematização da natureza e positivação da vida, que levam a execução de uma tecnologia sem limites e direcionamento finalístico. Por esta razão, proponho que a solução de Husserl de retorno ao mundo da vida segue sendo atual, e urgente.

HUSSERL: O MUNDO DA VIDA

A ideia de mundo da vida já está presente no pensamento de Husserl desde a década de 1910, embora seja mais precisamente definida em *Die Krisis* em 1935. No primeiro manuscrito de *Ideen II*, em 1912, a ideia de mundo da vida já parecia. Nesta versão, a expressão usada era mundo circundante (*Umwelt*), um mundo comum de horizontes co-dados (HUA IV, p. 198).

Na década de 20, em *Phänomenologische Psychologie*, Husserl usa a expressão mundo da experiência (*Erfahrungswelt*), um mundo circundante comum povoado de objetos, animados e inanimados (HUA IX, p. 111).

Na década de 30, em *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, Husserl finalmente usa a expressão mundo da vida (*Lebenswelt*), o único mundo efetivo (HUA VI, p. 49), universal-comum (HUA VI, p. 128).

Mesmo com esta variação de nomenclatura, a ideia de mundo da vida já estava presente com um núcleo de características comuns. Duas características se sobressaem: o mundo da vida é *a priori* e o mundo da vida é co-dado. A primeira característica é que o mundo da vida tem uma estrutura universal a qual todo ente relativo está vinculado, é dizer, o mundo da vida tem uma dimensão *a priori*, universal e necessária, que garante sua regularidade, sendo, portanto, condição de possibilidade das ciências objetivas (HUA VI, p. 142).

O sujeito está inserido neste mundo da vida (em *Ideias II*, neste mundo circundante), é o sujeito para quem este mundo se apresenta. É dizer, os conceitos sujeito e mundo estão inseparavelmente referidos um ao outro (HUA IV, p. 185). Este sujeito não apreende o mundo em si mesmo em toda a sua plenitude. O sujeito apreende o mundo circundante como mundo percebido, recordado, intelectualmente apreendido, conjecturado ou revelado

de tal ou qual forma pela pessoa em seus atos de consciência, o mundo do qual este eu pessoal é consciente (HUA IV, p. 185).

Isto não significa que este mundo é uma criação do sujeito ou dependente dele, mas é apenas o mundo que certo sujeito percebe, um mundo apercebido a partir de sua posição, de seu horizonte, numa existência co-dada. Neste sentido, o mundo circundante é um mundo ‘para si’, o mundo do sujeito-eu, experimentado por ele. Este é o mundo de experiência ao qual o sujeito se acha referido em atos práticos e valorativos. Cito Husserl:

(...) onde sobre o suporte do representar meramente intuitivo se edifica um valorar, que, si o pressupomos, desempenha na imediaticidade de sua motivação viva o papel de uma “percepção”-de-valor na qual o caráter valor está dado o mesmo de modo primariamente intuitivo (HUA IV, p. 186).

O sujeito executa sempre atos de distinto nível referidos às suas vivências. Num primeiro momento, sobre a referência sujeito - objeto, pessoa - mundo circundante, há uma relação causal com as realidades da natureza, em seguida, uma relação de motivação, prática, valorativa. Em outras palavras, as unidades-coisa (unidades noemáticas) são pontos de partida, suscitam usos, modos, propósitos, interesses, sentidos, relações, conceitos e valores diferentes de acordo com suas essências e sempre em níveis novos.

A segunda característica é que o mundo da vida é co-dado, dado intersubjetivamente, é o mesmo mundo para todos os seres que o habitam. As pessoas não estão isoladas neste mundo, o mundo é povoado de ‘eus’. Os horizontes co-dados, sentidos e valores são evidenciados coletivamente, há um recíproco entendimento segundo suas essências, ao que Husserl (HUA IV, p. 193) designa ‘comunicativo’. Toda pessoa tem em seu interior um mundo circundante egoísta e também, ao lado deste, um mundo circundante comunicativo, e o mundo circundante egoísta compõe o núcleo essencial do mundo circundante comunicativo.

Este sujeito espiritual está referido, portanto, a seu mundo circundante real, coisas e pessoas que experimenta. Trata-se de uma referência intencional a algo real. Esta referência intencional tem um objeto dado, quando há um objeto real, há uma referência intencional e real paralelas; quando não há um objeto real, há apenas uma referência intencional. O objeto estimula o sujeito de acordo com as propriedades experimentadas, sempre dependente da essência do sujeito e do objeto. É possível padecer por algo, ser passivamente determinado por algo, ou reagir ao ente ativamente com uma meta. Trata-se não de um processo psicofísico real, mas uma relação intencional (HUA IV, p. 218-219). O objeto para um sujeito é tema de sua liberdade, de seu livre arbítrio. Portanto, o mundo não é apenas um mundo físico, mas um mundo temático de uma vida intencional vivendo numa comunidade. Este mundo circundante inclui um mundo teórico e, explorando teoricamente os nexos da realidade, os sujeitos produzem coletivamente as ciências naturais. E, num nível mais elevado, o sujeito pode pleitear questões últimas, teleológicas, teoria dos valores, teoria da práxis racional e teoria da razão.

Cito Husserl:

(...) o sujeito se comporta em direção ao objeto, e o objeto estimula, motiva o sujeito. O sujeito é sujeito de um padecer o de um estar ativo, passivo ou ativo em referência aos objetos que estão noematicamente diante dele, e correlativamente temos “efeitos” no sujeito

que partem dos objetos. O objeto “se impõe ao sujeito”, exerce sobre ele estímulos (estímulo teórico, estético, prático). O objeto como tal quer ser alvo de atenção, ele bate na porta da consciência num sentido específico, no sentido de chamar atenção), atrai, e o sujeito é atraído até que o objeto é notado. O atrai num sentido prático, quer de certo modo ser agarrado, convida ao desfrute etc. Há um sem número de tais referências e um sem número de estratos noemáticos que o objeto adota com estes atos de atenção, os quais se sobrepõem ao noema original, ou no caso das coisas, sobre o puro noema-coisa (HUA IV, p. 220).

Portanto, há uma relação de determinação recíproca entre o sujeito e o mundo circundante, por exemplo, o sujeito é determinado pelas propriedades essenciais de um objeto quando da sua valoração, sua beleza, sua forma, sua utilidade; de outro lado, o objeto é determinado pelo sujeito, pelo movimento voluntário do seu corpo, pelo uso que faz do objeto, pelo tempo que lhe dedica.

Esta relação sujeito-objeto não é uma relação egoísta, isolada, mas uma relação coletiva, o que não significa que seja uma construção social. Para Husserl, toda a relação é sempre potencializada e limitada, vinculada e dependente, das essências. As essências são por sua vez *a priori*, universais e necessárias, as mesmas para toda e qualquer subjetividade.

O ENCOBRIMENTO DO MUNDO DA VIDA

Há uma dimensão natural de encobrimento do mundo da vida, pois o ser humano não consegue conhecer a coisa em si e não apreende o mundo em toda sua inteireza e profundidade. De certo modo, o ser humano em sua interação com o mundo acaba tentando encaixá-lo naquilo que já conhece. Afinal, tem apenas visadas, horizontes, do que se lhe apresenta, dos fenômenos. O ser humano intui, interage, constitui, evidencia, compreende, doa sentido, valora, comunica, teoriza a partir de uma vivência limitada. As primeiras relações são causais, depois, práticas, comunicativas e teóricas, mas sempre limitado no tempo e no espaço tem um pequeno vislumbre do *a priori* transcendente, das essências.

Entretanto, há um encobrimento artificial do mundo da vida, que não é fruto apenas da limitação essencial do ser humano, das relações e dos objetos em si, mas camadas postas pelo próprio ser humano e que o afastam do real, do *a priori*, do mundo circundante, do mundo da vida.

Tanto em *Ideias II* como em *Psicologia fenomenológica*, Husserl já havia começado a evidenciar a ideia de mundo da vida, embora com nomenclatura diferente, mundo circundante e mundo das experiências, respectivamente. Já a preocupação com o encobrimento do mundo da vida fruto da aplicação do método das ciências naturais às ciências humanas, pode ser encontrada em *Prolegômenos à Lógica Pura* (HUA XVIII, p. 230) em sua denúncia do psicologismo, mas é em *Crisis* (HUA VI) que fica bastante evidente.

Em *Crisis*, Husserl reforça a ideia de apriorismo do mundo da vida (HUA VI, p. 49, 50, 128 e 130). O mundo da vida é dado à percepção, o único universal comum experienciado e experienciável. Uma estrutura geral *a priori* a que todo relativo está vinculado e é dependente, ‘verdades em si’ que se desdobram em ciências *a priori*, é dizer, o *a priori* do mundo da vida é o substrato do *a priori* das ciências objetivas (HUA VI, p. 143).

Este mundo da vida *a priori* é encoberto. O encobrimento remonta ao pensamento de Galileu e ao desvio dos propósitos do Iluminismo para atingir seu auge com o positivismo.

Como Husserl (HUA VI, p. 8) deixa claro no início de *Crisis*: “*O positivismo, por assim dizer, decapita a filosofia*” (HUA VI, p. 7) O positivismo arranca-lhe a metafísica, as finalidades últimas e os valores. Como consequência, tem-se a crise da filosofia, a crise de todas as ciências modernas, a crise da humanidade europeia. Neste contexto, o ceticismo e a especialização substituíram a metafísica e o universalismo. Cito Husserl:

A humanidade em geral é, segundo a sua essência, ser homem em humanidades ligadas generativa e socialmente, e, se o homem é ser racional (*animal rationale*), ele só o é na medida em que toda a sua humanidade é uma humanidade racional – quer orientada de forma latente para a razão, quer abertamente orientada para a enteléquia que chegou a si mesma, que se tornou manifesta para si mesma e que, doravante, *conduzirá conscientemente*, numa necessidade essencial, o dever da humanidade. A filosofia, a ciência seria então *o movimento histórico da revelação da razão universal*, <14> “*inata*” como tal à humanidade (HUA VI, p. 13-14).

Só que a humanidade europeia pegou o desvio. A preocupação com as causas eficientes, com o controle e a previsibilidade predominou. Na verdade, uma relação ingênua com o mundo fundada na visão galilaica de matematização da natureza, na ideia de um progresso crescente e no esvaziamento de sentido (HUA VI, p. 20 e s.). A ciência parte de uma indução cotidiana, mas esta é rapidamente esquecida e soterrada pela ciência exata e por uma operação metodicamente idealizadora.

Esta camada de ideias da matemática, das ciências objetivas, das ciências exatas e das ciências naturais matematizadas abrange tudo e acaba por mascarar o mundo da vida. Assim se toma por verdadeiro ser aquilo que é apenas idealização, aparência, método e técnica. Esta idealidade não altera em nada o fato de que as teorias são compreensões humanas acerca do mundo da vida, pertencem ao mundo da vida, mas essencialmente não o modificam. É surpreendente que tal ingenuidade seja tão eficaz e aos poucos tenha conseguido se impor como fato histórico-social vivido.

Simplemente parece ser esquecido o fato de que a ciência é uma realização espiritual humana que pressupõe o mundo da vida, dado de modo universal-comum como existente, e não pode ser confundida com ele, ou substituí-lo. Sempre houve a humanidade, antes da ciência e após a ciência, há um mundo da vida, um pressuposto necessário a todo conhecimento. Não cabe a ciência questionar sobre o mundo da vida. A ciência simplesmente pressupõe este plano de fundo, com sua regularidade fundamentadora das verdades lógicas e teóricas. Cito Husserl: “As ciências estão construídas sobre a obviedade do mundo da vida, porquanto a partir dela fazem uso daquilo que em cada caso é necessário para os seus fins” (HUA VI, p. 128).

Este único mundo universal-comum da experiência é objeto da ideia de objetividade que domina inteiramente as ciências positivas da Modernidade implicando num naturalismo enquanto a dimensão subjetiva, do sentido, do valor e da finalidade é simplesmente esquecida.

Ocorre que o mundo efetivamente intuível permanece como tal, inalterado na sua estrutura essencial. Quer dizer, toda ação subjetiva e todo conhecimento aplicado tem consequência, impacto no mundo da vida, nos outros seres, atende a finalidades ainda que estas não sejam explícitas. Por mais camadas que se sobreponha ao mundo, artificialmente ou sem qualquer artifício, isto não altera seu ser, não altera suas relações. O ser é um *a priori*, universal e necessário, real, independente da subjetividade.

Cabe ao filósofo, como funcionário da humanidade, buscar o verdadeiro *ser* da humanidade dirigido a um *telos* que reside ele próprio no mundo da vida. Praticar uma nova filosofia através da ação. Neste sentido, Brainard (2007) lembra: “he characterizes phenomenology as a “science of becoming,” where becoming occurs ever in accordance with its proper telos”.

Isto posto, no tópico seguinte temos uma descrição das mais recentes camadas de encobrimento do mundo da vida, com ênfase no uso da inteligência artificial (IA) pelas plataformas sociais.

MAIS CAMADAS DE ENCOBRIMENTO DO MUNDO DA VIDA

As primeiras camadas de encobrimento do mundo da vida e seus fundamentos filosóficos foram identificados por Husserl durante a 2ª RI conforme descrito no tópico anterior. Apenas para se ter uma ideia da velocidade dos acontecimentos, alguns dados: em 1915, era possível fazer telefonemas por todo o território dos Estados Unidos; em 1927, começou o serviço telefônico através do oceano Atlântico; após a 2ª GM tem início da 3ª RI, chamada de Revolução Digital; em 3 de abril de 1973, é feita a primeira ligação de telefone celular; em 2019, mais de 5 bilhões de pessoas no mundo¹ usavam aparelho celular.

A Revolução Digital, ganhou impulso com o desenvolvimento dos semicondutores e da computação em *mainframe* (1960), da computação pessoal (entre 1970 e 1980) e da internet (1990)², período em que a tecnologia de comunicação avançou a passos largos. No início do processamento de dados, os primeiros computadores³ não continham programas instalados e eram fisicamente alterados por técnicos que ligavam e desligavam cabos, quase como interruptores, o que facilitou a tradução em bits⁴. Em seguida, toda essa informação passou a ser processada por softwares. O software⁵ é um suporte lógico, uma sequência de instruções, para o processamento de informação, recebe informação (*input*), processa e libera um resultado (*output*).

O processamento mais veloz da informação produziu mais informação e necessidade de sua transmissão. Em 1969, é criada a Internet, chamada, então, de ARPANET (*Advanced Research Projects Agency*), pertencendo ao Departamento de Defesa Norte-americano. Em 1982, o uso da ARPANET havia expandido para outros países, mas ainda restrito à comunidade acadêmica. Em 1983, é separada a MILNET que continha apenas informações militares.

Em 1987, foi autorizado o uso comercial. Um protocolo de comunicação, Internet Protocol (IP)⁶, que permitia o tráfego de informação entre redes conectadas. O governo norte-americano cria, então, os *backbones*. São como uma espinha dorsal da rede, supercomputadores conectados a potentes linhas de transmissão que contém cabos de fibra ótica, satélites e transmissão por rádio. A esta espinha dorsal, são agregadas redes cada vez menores de transmissão chegando até os pontos de acesso (POP's).

Em 1992, surgiram empresas que ofereciam acesso à Internet, restrito aos EUA. No mesmo ano, o CERN (Conselho Europeu para Pesquisa Nuclear) inventou a *World Wide Web* (WWW) que liberou o acesso a qualquer usuário. É quando ocorre a explosão da Internet. Hoje, há vários *backbones*, intercontinentais e nacionais, alguns explorados por empresas privadas.

Por este breve relato é possível perceber que o que caracteriza este período é um veloz avanço técnico-científico, comunicacional e informacional. Esta tecnologia colocou mais

uma camada sobre o mundo da vida. Não eram apenas máquinas, fisicamente identificáveis, localizadas num determinado sítio, fáceis de ver e até de entender. A informação passou a navegar numa velocidade inimaginável através de uma tecnologia incompreensível para a maioria das pessoas. Os softwares e a internet encobriram o mundo de tal maneira que afastou as pessoas fisicamente do mundo da vida. Com a internet de massa disponível 24/7, é possível viver distante de qualquer contato físico com o mundo ou os outros⁷, resolver tudo a distância, isolar-se de tal maneira que só se vê o mundo através das telinhas do computador ou do celular.

No entanto, o software (TANENBAUM; WETHERALL, 2012, p. 25) é uma ferramenta passiva, não tem iniciativa, precisa de um comando, precisa ser alimentado de informação, precisa estar instalado num hardware e seus *outputs* carecem de interpretação. A internet é um ambiente, um “lugar”, embora não seja um lugar no sentido tradicional do termo, é um *cyber* espaço que paira sobre o mundo físico, uma rede de estradas por onde trafega informação em alta velocidade.

Essa intrincada rede de informação que paira sobre o mundo da vida é mais uma camada de encobrimento e tem diferentes maneiras de ser acessada. As portas de entrada físicas mais comuns são ou o computador ou o celular ou a smart tv. Para de fato acessar às informações disponíveis na Internet, o usuário (i) ou sabe o endereço (*Uniform Resource Locator*)⁸ completo de onde quer ir e acessa-o através do gerenciador do dispositivo, (ii) ou utiliza um navegador⁹ (*browser*), (iii) ou acessa através de um aplicativo. Tanto o navegador como o aplicativo são programas de software que dependem de instalação. Sem dúvida, os métodos mais fáceis são esses softwares que conectam o mundo físico, presencial e atual, ao mundo *cyber*, virtual e atemporal. No momento em que o usuário entra, está solto num espaço público em que todas as suas ações são visíveis, rastreáveis e registradas.

Antes, uma vez aberto o navegador, era preciso saber o endereço para onde se queria ir. Agora, com o advento das plataformas de busca¹⁰, estas são a principal porta de entrada, pois não é mais necessário saber nem o IP nem o URL, basta digitar um termo, expressão ou pergunta que a plataforma (atualmente, com auxílio da IA) encontra aquele pequeno pedaço de informação na imensa rede e o usuário é levado rapidamente a ela.

Além das plataformas de busca, há plataformas e aplicativos de vendas¹¹ onde é possível encontrar praticamente tudo. Há plataformas de entretenimento de áudio e de vídeo¹² e, também, plataformas e aplicativos sociais¹³. Atualmente, todas potencializadas pela IA.

Ocorre que esses navegadores, plataformas e aplicativos tem um custo de armazenamento e manutenção. Como sustentar essa imensa estrutura de informação? Era preciso ganhar dinheiro. Para tanto, há que se vender algo para alguém. Os anúncios e as propagandas foram o primeiro passo. O usuário daquele serviço era, então, exposto a uma série de propagandas. Para o usuário, o serviço era gratuito e o anunciante pagava para divulgar sua propaganda. Era como colocar um outdoor na estrada, as pessoas passavam e viam a propaganda. Assim, plataformas e aplicativos que armazenavam uma imensa quantidade de conteúdo, como o You Tube e o Facebook, saíram do prejuízo e se tornaram negócios lucrativos.

Até este momento, a única ferramenta que as plataformas e aplicativos tinham para manter os usuários conectados era prestar um bom serviço, isto é, conteúdos interessantes, acesso rápido e boas ferramentas de busca.

A 4ª RI E MAIS UMA CAMADA DE ENCOBRIMENTO DO MUNDO DA VIDA. AS TECNOLOGIAS DISRUPTIVAS. A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Segundo Schwab (2019), vivemos a 4ª RI. Esta nos ofereceu uma série de tecnologias disruptivas como inteligência artificial (IA), big data (análise de volumes massivos de dados), robótica, realidade aumentada, nanotecnologia, impressão 3D, biologia sintética e internet das coisas. Neste artigo, focarei na IA e seu uso no processamento da informação em plataformas sociais.

O termo Inteligência Artificial foi cunhado em 1956 numa conferência no Dartmouth College, em Hanover, New Hampshire, mas o campo de pesquisa já existia. Alan Turing, em seu famoso artigo publicado na *Mind*, em 1950, perguntava ‘*Can a machine think?*’. Hoje, o Teste de Turing nos ajuda a definir o que pode ser compreendido por IA. A definição de IA parte dos seus objetivos (RUSSELL; NORVIG, 2020). IA é um campo de conhecimento que pretende construir uma máquina (ou um programa, em termos mais atuais) que simule o comportamento humano de maneira que não seja possível distinguir se a resposta é dada por um humano ou uma máquina, isto é, a máquina deve passar no Teste de Turing.

Ainda não foi possível construir esta tal máquina. Há tentativas. A primeira provavelmente foi o Deep Blue que, em 1996, venceu o campeão de xadrez Garry Kasparov. Hoje estão disponíveis aplicativos como o *Quick, Draw!*, desenvolvido pelo Google, em que o usuário desenha e a IA adivinha e o *SimSimi* em que o usuário mantém uma conversa com a IA sobre diversos assuntos. Tudo ainda muito longe de conseguir simular emoções, julgamentos e decisões de um ser humano como no filme *Ex-Machina* (2014).

Há ainda a discussão sobre IA fraca e IA forte. A IA fraca são softwares inteligentes no sentido de que são capazes de aprimorar suas respostas, quanto mais dados, mais precisas vão ficando as respostas, na verdade, o encadeamento de regras (a programação) por ter disponível mais dados consegue prever de maneira mais precisa respostas do tipo *se-então*. Não é exatamente um raciocinar, é uma simulação de inteligência, mas não de autoconsciência.

A IA forte seria a criação de um programa capaz de resolver problemas de forma criativa e ter autoconsciência. Resolver problemas de forma criativa significa oferecer soluções recorrendo a elementos não disponíveis nos dados do *input* ou alterando sua própria programação, em outras palavras, estabelecer relações para além do que está inicialmente disponível, tanto nos dados como no programa. Ter autoconsciência seria entender quem e por que estabeleceu determinadas relações, ou seja, porque determinado conjunto de símbolos implica outro conjunto de símbolos, isto é, ter consciência do significado, dos motivos e das finalidades do que escreveu. Algo como *O Homem Bicentenário* de Isaac Asimov (1999).

Apesar de algumas notícias impressionantes, como ‘*Facebook’s AI robots shut down after they start talking to each other in their own language*’ (GRIFFIN, 2017), ‘*Artificial Intelligence based IoT Automation: Controlling devices with Google and Facebook*’ (CHATTERJEE, 2018) e ‘*Nova geração de IA é tão poderosa que seu uso é assustador*’ (CAVALLINI, 2020), a IA é fraca, mas suficiente para prever o comportamento humano dada a imensa quantidade de dados disponível.

A IA que opera na rede é um tipo de programa que busca a informação e é capaz de ajustar os resultados aos novos padrões encontrados. A IA, diferente dos softwares tradicionais, navega nesta imensa rede recolhendo os dados, encontra padrões e altera seus resultados de acordo com os novos padrões encontrados. Em outras palavras, a IA aprende. É o *machine*

learning, um dos ramos da IA. Quer dizer, mesmo que a informação ou comando não sejam dados, a IA busca a informação, encontra um padrão e retorna com um resultado. Por exemplo, o uso do *machine learning* para interferir os traços de personalidade de um usuário e partir de suas atualizações de status no Facebook (FARNADI; ZOGHBI; MOENS; DE COCK, 2013).

O acesso rápido, fácil e barato à Internet proporcionou um fluxo contínuo de informação sobre o comportamento humano. A IA dispendo desse imenso banco de informações e a serviço das plataformas de busca, compras, entretenimento e sociais consegue prever o comportamento humano. Interesses, crenças, ideologias, gostos, lugares, opiniões, amigos, familiares, relações, humor, emoções, visitas, curtidas, tendências, compras, quanto está disposto a gastar, em quais itens, quando, por quanto tempo etc., tudo tem um padrão. A IA dispõe de uma quantidade inimaginável de dados sobre cada indivíduo¹⁴ e pode encontrar padrões gerais, comunitários ou individuais separados por região, etnia, religião, gênero etc., e oferecer como resultado uma previsão de como as pessoas em geral, comunitária ou individualmente irão se comportar.

Toda esta imensa quantidade de informação inicialmente foi utilizada apenas para melhor direcionar a propaganda, colocar o anunciante em contato com o interessado, colocar pessoas que compartilhavam causas, necessidades, soluções, crenças etc. em contato. O anunciante tinha a sua disposição uma ferramenta como nenhuma outra, com enorme chance de acerto, e assim seu investimento quase não era perdido.

Para tanto, é preciso manter as pessoas conectadas o máximo de tempo possível, é preciso mantê-las consumindo, emitindo opiniões, expondo seus interesses, gerando dados que alimentam a IA incessantemente. Para manter as pessoas conectadas foram inventados vários artifícios como o botão ‘curtir’, ‘notificações’, ‘feed de notícias’, jogos, quizz, manipulação de foto etc. A IA identifica padrões de comportamento, humor, relacionamento, consumo, dentre outros, e se retroalimenta deste fluxo de informação, o que gera mais interesse, engajamento e tempo de conexão. Assim, a IA extrai resultados cada vez mais precisos e as plataformas podem, então, vender o acesso às pessoas compatíveis com produto. Em outras palavras, as pessoas que usam as plataformas sociais não são seus consumidores, pois não pagam pelo seu uso, são seu produto. Seus padrões de comportamento os tornam os alvos certos para determinados anunciantes e só a plataforma que gere a IA sabe quem são e pode conectá-los. Todo este processo é realizado sem qualquer preocupação com o impacto na vida dos usuários. No entanto, psicólogos (BRAILOVSKAIA; TEISMANN; MARGRA, 2020) já demonstraram o vínculo entre *Facebook Addiction Disorder* e o suicídio, e que abandonar o Facebook leva a níveis mais altos de bem estar (TROMHOLT, 2016).

O mesmo se passa com as plataformas de busca uma vez que o resultado da busca varia de pessoa para pessoa. Se uma pessoa no leste asiático buscar ‘aquecimento global’ o resultado que irá obter não será mesmo que uma pessoa na Finlândia ou na Argentina. Os resultados variam de acordo com a região, interesses, buscas anteriores etc. Nas plataformas de entretenimento e compras, também ocorre o mesmo, mesmo sendo pagas. Assim, o acesso a seus assinantes também é vendido como, por exemplo, no Spotify¹⁵.

Aqui temos mais uma camada que se sobrepõe ao mundo da vida. Uma camada que torna possível um distanciamento total do mundo, das pessoas e da realidade. As pessoas não precisam ter contato físico com as coisas, não precisam ir aos lugares se não quiserem, podem ficar trancadas e interagirem apenas por meio das telinhas. As pessoas podem se afastar

totalmente umas das outras, podem não ter nenhum relacionamento real, podem ter apenas amigos virtuais, podem conversar com uma IA, podem jogar com pessoas que nunca viram, ou que sequer existem, ou com uma IA. As pessoas podem vivenciar uma realidade que não guarda qualquer relação com o mundo da vida e podem ter suas opiniões, superstições e convicções reforçadas a todo o momento por mais exóticas que sejam e inclusive encontrar pessoas (ou não) que compartilham suas crenças.

Esta camada permite um fluxo de informação totalmente desconectado do mundo da vida. Nesta rede é possível escrever, falar, postar som, imagem e vídeo que não guardam qualquer relação com realidade. Não me refiro aqui à arte ou a obras de ficção. Refiro-me à informação que pretende ser recebida como verdadeira, como correspondente a fatos, descrevendo o mundo, o cosmos e a sociedade, mas que não são.

Neste ponto, houve um momento de ruptura com o mundo da vida ainda mais grave, quando perceberam que a IA poderia não apenas reconhecer padrões e prever comportamento humano, mas manipular, direcionar, provocar e até controlar o comportamento humano. Este momento foi quando o mundo descobriu o tipo de serviço prestado pela Cambridge Analítica no plebiscito do BREXIT (CADWALLADR, 2017). Serviço este que contava com acesso ao banco de dados do *Facebook* e *WhatsApp* e que já havia sido prestado na campanha de Donald Trump (LEWIS; HILDER, 2018) em 2016.

Diferente das plataformas de busca, entretenimento ou compras, as plataformas sociais, mais precisamente *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*, passaram a vender não apenas anúncios, mas convencimento (THEOCHARIS; LOWE, 2015). A IA ao identificar padrões, interesses, posições políticas, ideologias, religião, etnias, gênero e opiniões proporcionara aos candidatos e as campanhas o público alvo perfeito para certas ideias (MATZ; KOSINSKI; NAVE; STILLWELL, 2017).

Era possível dizer: preciso de mais mil votos no estado X. A IA poderia identificar pessoas indecisas, que ainda não haviam colocado banners em suas fotos, postado imagens de um ou outro candidato e, com uma pequena margem de erro, começar a bombardeá-las com notícias positivas a respeito do lado 'A' e contra o lado 'B'. Era possível selecionar, a região, o gênero, a etnia, a religião e as campanhas atingiam seu alvo. Convencimento e reforço, de repente o mundo parecia ter tal ou qual opinião, a 'time line' e as mensagens pareciam estranhamente unânimes. E, como os seres humanos são altamente suscetíveis à conformidade social, ao contágio comportamental (MYERS, 2018, p. 509), foi fácil manipular posições políticas.

O notável é que para a IA essas notícias não precisam guardar qualquer relação com a realidade, não precisam ser verdadeiras ou boas. São apenas bits de informação que podem fluir de um lado a outro sem qualquer limite bastando para isso um comando. Lembre-se que estamos falando de uma IA fraca, portanto, a IA não interpreta, não julga, não doa sentido, é apenas extremamente eficaz em realizar esse comando. Não é a IA que distribui meticulosamente essas notícias, mas quem dá o comando. A tecnologia não é boa ou má em si mesma, mas o uso que seres humanos fazem dela, sem qualquer limite ou direcionamento finalístico, sem qualquer compromisso com a verdade e o bem. Isto pode torná-la extremamente nefasta às pessoas individualmente e a sociedade.

Pela presente descrição, espero que tenha ficado clara a sobreposição de novas camadas de encobrimento do mundo da vida. Camadas que promovem um afastamento ainda mais profundo. Embora a situação tenha se radicalizado, considerando que os pressupostos filosóficos seguem sendo os mesmos e que o que se aprimorou foi principalmente a técnica,

a eficácia e a velocidade, a análise que Husserl fez no século passado a respeito da crise da humanidade europeia segue atual e sua proposta de retorno ao mundo da vida, também.

RETORNO AO MUNDO DA VIDA

Husserl morreu no entre Guerras, em 27 de abril de 1938, e não pode assistir as consequências da 2ª RI em toda a sua magnitude. No entanto, havia assistido a crescente tensão entre países europeus que culminou na 1ªGM e levaria a 2ªGM. No primeiro tópico, apresentei como Husserl compreendeu com grande clareza a origem deste modelo de sociedade e, através de uma análise apurada, identificou a crise que se instalava na Europa espiritual.

O fundamento filosófico dessa crise nasceu com a Revolução Científica, passou pelo Iluminismo e culminou numa matematização da natureza, num modelo antropológico filosófico psicologista e num modelo epistêmico positivista. Modelo este que implica na renúncia da metafísica e do universalismo, na primazia das causas eficientes em detrimento das causas finais, no abandono das essências e observação apenas do contingente, e numa relação de controle com a natureza e pretensão de previsibilidade do comportamento humano. Uma atitude arrogante que aos poucos foi se arraigando na comunidade científica e entre aqueles que produzem conhecimento aplicado, principalmente as tecnologias de informação. O que importa é a eficácia, a rapidez e a quantidade, como se a tecnologia fosse boa em si mesma e seu uso não carecesse de qualquer limite ou finalidade.

Husserl não é um anticientificista, não nega o valor do conhecimento científico, apenas pretende circunscrevê-lo ao que é, mais uma visada do mundo da vida que carece de limite e finalidade. A crítica de Husserl (HUA VI, p. 53) é muito dura em relação a este desvio do racionalismo, do iluminismo e do positivismo que levou ao encobrimento do mundo da vida. Husserl percebeu este afastamento da humanidade europeia do mundo da vida e suas perigosas consequências. Por isso, propôs o retorno ao mundo da vida como solução para essa crise da Europa espiritual.

Esta camada de cientificidade construída intersubjetivamente precisa ser ultrapassada. O foco deve ser direcionado a um ser-em-si, o substrato de “verdades em si”, o mundo da vida. O mundo da vida é um domínio de evidências originárias, dado de maneira evidente na presença imediata, reside nestas intuições como efetivamente experienciável e intersubjetivamente confirmável. É preciso lembrar que o mundo da vida mesmo com todas as suas relatividades tem uma estrutura universal a qual todo ente relativo está vinculado (HUA VI, 142). Cito Husserl:

O mundo, como mundo da vida, tem já pré-cientificamente as “mesmas” estruturas que as ciências objetivas, com a sua substrução (que pela tradição dos séculos se tornou obviedade) de um mundo existente “em si”, determinado em “verdades em si”, pressupõem como estruturas *a priori*, e sistematicamente desdobram em ciência *a priori*, em ciências do logos, das normas metódicas universais a que se tem de vincular todo o conhecimento do mundo que é “em si objetivo” (HUA VI, p. 142).

É um realismo transcendental intersubjetivo. Explico: realismo no sentido de que o ser, o mundo da vida, a realidade mesma, existe e funciona de maneira independente de subjetividade segundo uma estrutura *a priori*; transcendental por que o local de

intuição e evidenciação deste mundo é a esfera do eu-penso, do *cogito*, a dimensão transcendental do sujeito, é dizer, toda vivência e evidência se dão na consciência intencional transcendental; intersubjetivo por que o sujeito não está no mundo sozinho, os horizontes são os mesmos e co-dados, e todo trabalho de constituição, evidenciação e descobrimento do mundo da vida é feito intersubjetivamente. Mas resta a pergunta: como retornar ao mundo da vida?

Husserl já havia ensinado em suas obras anteriores¹⁶ a importância da *epoché*. A suspensão do juízo sobre todas as ciências objetivas. Primeiro, efetua a distinção entre a ciência do mundo da vida e as ciências objetivas. Segundo, permite compreender que o *a priori* universal do grau lógico-objetivo funda-se num *a priori* universal anterior, o puro mundo da vida.

Neste sentido, Husserl retoma em *Crisis* (HUA VI, p. 144) um alerta que já havia feito em *Ideias I* (HUA III, p. 114 e s.): a ciência universal *a priori* fundamental de todas as ciências objetivas não é a lógica, isto é uma ingenuidade. A lógica pretende dispensar uma fundamentação, mas simultaneamente pressupõe o *a priori* universal do mundo da vida. Só que sem esta fundamentação primeira radical, a lógica paira no ar ingênua e nem percebe a tarefa que se lhe apresenta: investigar sua própria fundamentação, “não mais “logicamente”, mas por meio de uma recondução até o *a priori* universal pré-lógico a partir do qual todo o lógico, o edifício completo de uma teoria objetiva revela” (HUA VI, p. 144).

O mundo da vida é o solo para toda a práxis, tanto teórica como extra-teórica, é o todo das coisas, é o todo dos “*onta*” espaço-temporais, o mundo pré-dado, o universo ôntico. Tudo quanto existe no mundo. Coisas e objetos são dados a partir do mundo que é permanência. Em outras palavras, o mundo é uma unicidade singular para a qual o plural não tem sentido, não há fora, tudo lhe pertence.

Ter consciência desta realidade é viver uma vida desperta, viver na certeza do mundo constante e atualmente “consciente” do mundo e de si mesmo como vivendo *no* mundo. Aprender este fluxo constante e uno, o mundo como campo universal para onde estão dirigidos todos os atos da experiência é apenas o primeiro modo de uma vida desperta. Há ainda outra espécie de vida desperta. Viver “numa modificação da consciência temática do mundo, que rompe com a normalidade do viver imerso” (HUA VI, p. 147). É uma viragem do interesse, uma mudança de olhar por decisão particular da vontade. Assumir uma vida produtora ao invés de simplesmente viver inserido no mundo. Ao invés de seguir focando no mundo da vida, fazer um giro de 180° e focar no sujeito para quem o mundo se revela. Husserl propõe uma nova ciência da subjetividade pré-doadora do mundo.

O ponto de partida desta nova ciência é uma *epoché* ainda mais radical. Na primeira fase, a suspensão do juízo teve por objeto as ciências objetivas, mas ainda estava sobre o solo do mundo apenas reduzido ao mundo da vida pré-cientificamente dado. Agora, Husserl propõe uma alteração total, investiga o que é a vida natural e a sua subjetividade, o mundo como aquele que tem sentido e validade de ser na via da nossa consciência. A este movimento, Husserl chamará *epoché transcendental* (HUA VI, p. 151), um caminho para a redução transcendental (TANI, 1986).

Imagine uma vida natural, num fluxo contínuo de experiências, juízos, valorações e resoluções. Em cada um destes atos, o eu está dirigido a objetos do seu mundo circundante. Nenhum desses atos, e nenhuma das validades neles contidas, é isolado. Há uma implicação mútua necessária, mas estão também e simultaneamente em permanente mobilidade sobre

o eu. Assim, toda validade pressupõe outras validades, até um subsolo de validades obscuras. Todas essas conexões juntas constituem uma única conexão vital inseparável. Por esta razão, não é possível isolar atos e validades.

Husserl pretende, portanto, suspender de um só golpe toda essa trama de validades. Pretende alcançar uma atitude acima da pré-doação de validade do mundo, acima da infinidade do entrelaçamento das fundações ocultas, acima da vida universal da consciência para a qual o mundo está aí, disponível. Enquanto a *epoché* anterior não abre mão do seu modo de ser, a *epoché transcendental* solapa o vínculo mais forte, o vínculo com a pré-doação do mundo. Cito Husserl:

Com esta libertação, e nela, é dada a descoberta da correlação universal, inteiramente encerrada em si e absolutamente autônoma, do próprio mundo e da consciência do mundo.[...] a correlação absoluta do ente de qualquer espécie e sentido, por um lado, e a subjetividade absoluta, por outro, como constituinte, deste modo mais vasto, do sentido e da validade do ser (HUA VI, p. 154).

O sujeito está acima do mundo, e o mundo se torna um fenômeno, válido nos modos subjetivos, não desaparece, mas é apenas visto como correlato da subjetividade doadora de sentido. É uma redução *do* mundo ao fenômeno transcendental mundo e, assim, ao seu correlato, a subjetividade transcendental. Assim, é possível mostrar a subjetividade na sua vida de consciência transcendental.

Como resultado desta libertação, é possível agir. Inicialmente, observar o mundo circundante em sua relatividade, este fluxo subjetivo. Depois, suspender todos os conhecimentos, uma espécie de *epoché universal*. Na reflexão, reconhecemos correlações de essência, partes constitutivas de um *a priori* universal mais vasto. Husserl propõe, então, uma “ontologia do mundo da vida” (HUA VI, p. 176) em contraste total com a tradição, uma ciência *a priori*. Deste modo, o mundo da vida se transforma num fenômeno transcendental, um componente da subjetividade transcendental e, “correspondentemente a seu *a priori* como um “estrato” no *a priori* universal da transcendentalidade” (HUA VI, p. 177).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de retorno ao mundo da vida de Husserl pressupõe uma radicalização da *epoché*, uma *epoché universal* e uma *epoché transcendental*. Somente neste contexto, Husserl considera possível o retorno ao mundo da vida.

Pois é exatamente uma atitude radical que se faz necessária neste momento. As camadas de encobrimento do mundo da vida são tantas e afastaram o sujeito de tal maneira do real, que somente uma suspensão do juízo que coloque tudo entre parênteses possibilitaria uma compreensão do que estamos vivendo e uma retomada da vida, não vida inserida no mundo, mas vida como doadora de sentido para o mundo.

É preciso ter em mente que o uso da IA nas plataformas sociais é apenas uma das aplicações possíveis e talvez a que torne mais evidente o afastamento do mundo da vida, pois a IA não apenas interage com os usuários, mas administra e controla um volume de informação que é humanamente impossível, e opera toda a informação armazenada visando manter o usuário conectado e interagindo.

Neste cyber espaço desvinculado do mundo da vida, a tarefa da IA é que o usuário esteja tão entretido que perca a noção do tempo real. Cada clique é acompanhado, registrado e alimenta a IA de informação para que o usuário perca a iniciativa da busca, pois é sufocado por tanta informação e propaganda que não dá tempo de ler, interpretar, sentir e refletir sobre tudo. O usuário perde o poder de decisão sobre o que visitar, o que ver, ou mesmo se deseja ir. O usuário não decide mais por quanto tempo permanecer, quantas vezes quer ver uma informação e com quem (ou o que) interagir.

Para tanto, as IAs são escritas de modo a “aprenderem” e adaptar seus resultados visando garantir o máximo tempo de conexão e engajamento do usuário. São vivas não no sentido biológico do termo, mas no sentido de que estão em constante crescimento e aperfeiçoamento. Assim, as plataformas sociais geridas pelas IAs são mais uma camada de distanciamento do mundo, uma camada já dentro do *cyber* espaço.

Com a IA não é mais necessário um sujeito agente. Pelo contrário, um sujeito agente é inconveniente, difícil de direcionar, resiste à manipulação e ao consumo inútil. O uso da IA no direcionamento do usuário rompe com a visão tradicional de sujeito agente que busca, escolhe e toma decisão. O usuário pode ser encontrado por quem o procura, pode ser direcionado, pode ver apenas aquilo que convém ao verdadeiro consumidor pagante das plataformas. O usuário virou o produto. Não precisa nada além do que estar diante do celular para ser bombardeado por sugestões de compras (ou ideias) alimentadas por uma série infinita de anúncios que atraem a atenção e os mantém conectados. Basta manter as notificações ligadas que a atração é quase irresistível e todo conteúdo é algoritmicamente selecionado pela IA para atrair.

Portanto, após a 4ª RI, as plataformas sociais e a IA, o que presenciamos é um encobrimento do mundo da vida jamais visto. A IA é uma tecnologia ativa que encobre o mundo da vida de acordo com o interesse de seus consumidores pagantes e que adapta os conteúdos às preferências e gostos do usuário. O usuário vê o que “deve” ver e sabe o que “deve” saber. A IA apresenta um mundo que reforça seu sistema de crenças ou direciona a outras ideias mais convenientes, tudo sem necessariamente manter um vínculo com o mundo da vida. A IA cria a ilusão de uma realidade própria, individual.

Simplesmente, as pessoas não estão preparadas para isso. Algumas pessoas podem perguntar: “mas como o Fulano não sabe X? É público!” Não é. Não sabe. Não vê. Essa informação simplesmente não chega para ele. O “mundo” que cada um vê através das plataformas é particular. Assim as pessoas se afastam do mundo da vida, as posições ficam mais radicalizadas, o diálogo e o contraditório não tem lugar. Consequentemente, temos um mundo de dogmáticos, sem qualquer atitude crítica.

As pessoas não estavam preparadas para serem totalmente destituídas de sua liberdade de uma maneira tão sutil, não física, apenas mental. Estão sendo destituídas de sua liberdade sem perceber. Ainda tem a ilusão da liberdade, escolhem seus likes, aceitam amigos, compram seus produtos, fazem suas buscas e até leem notícias sem perceber que o mundo que veem não é o mundo da vida.

Tomar consciência desta situação, suspender o juízo sobre as ciências objetivas, sobre a técnica e retornar ao mundo da vida, e mais radicalmente subjetividade doadora de sentido, nunca foi tão urgente. Os sujeitos precisam retomar sua liberdade, voltar a ser agentes. É o que Husserl anunciou como necessário em *Crisis* e tal chamamento ainda segue atual num contexto ainda mais grave.

NEW COVERAGE LAYER IN THE WORLD OF LIFE

Abstract: in this paper I intend to extend the disclosure of the cover-up of the lifeworld formulated by Husserl to the use of disruptive technologies of the 4th Industrial Revolution, more precisely the use of artificial intelligence on social platforms. First, I present the concept of lifeworld that remains consistent throughout Husserl's works; then, I present its cover-up derived from the mathematization of nature and the break with the telos, which originated the crisis of european humanity. Second, more layers of cover-up of the lifeworld overlap with the 3rd and 4th IRs. In more detail, the cover-up and detachment from the lifeworld caused by the use of AI and its negative effects, individually and collectively. Third, the Husserlian proposal of return to the lifeworld through a radical epoché. I conclude that the solution proposed by Husserl to the crisis is still actual and urgent.

Keywords: Husserl. Lifeworld. 4th Industrial Revolution. Artificial Intelligence.

Notas

- 1 Dado do Relatório a Economia Móvel 2019, da GSMA. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-09/mais-de-5-bilhoes-de-pessoas-usam-aparelho-celular-revela-pesquisa>. Acesso em: 12 mar. 2020.
- 2 Estas datas tem como referência o histórico da implementação da tecnologia digital nos EUA e Europa.
- 3 Como o Z3 alemão e o ENIAC americano.
- 4 Bit é um dígito binário (BInary digiT), a menor unidade de informação que pode ser transmitida e possui apenas 2 valores, 0 e 1. Foi inspirada no código binário criado por Leibniz (1646-1716). Sua primeira versão foi elaborada por Ada Lovelace (1815-1852). O primeiro software foi criado por John von Neumann (1903-1957), matemático húngaro, na Inglaterra.
- 5 Há basicamente três tipos de software, (1) o software de sistema processa informação interna no computador (IBM, Microsoft-DOS, Apple, Linux), conecta o usuário aos periféricos, (2) o software de programação são ferramentas que permitem o desenvolvimento de novos softwares, (3) o software de aplicação permite a execução de tarefas. O primeiro programa instalado no computador é o sistema operacional (software de sistema).
- 6 Um endereço IP (Internet Protocol) especifica unicamente um computador (host) na rede. Disponível em: [https://www.dm.ufscar.br/~waldeck/curso/html/internet/basico.html#:~:text=O%20URL%20\(Uniform%20Resource%20Locator,computador%20\(host\)%20na%20rede](https://www.dm.ufscar.br/~waldeck/curso/html/internet/basico.html#:~:text=O%20URL%20(Uniform%20Resource%20Locator,computador%20(host)%20na%20rede). Acesso em: 12 mar. 2020.
- 7 Hikikomori, os jovens japoneses que vivem sem sair de seus quartos. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-47441793>. Acesso em: 12 mar. 2020.
- 8 O URL (Uniform Resource Locator) especifica a localização dos documentos, objetos, ligações, referências e programas executáveis na rede Internet. Disponível em: [https://www.dm.ufscar.br/~waldeck/curso/html/internet/basico.html#:~:text=O%20URL%20\(Uniform%20Resource%20Locator,computador%20\(host\)%20na%20rede](https://www.dm.ufscar.br/~waldeck/curso/html/internet/basico.html#:~:text=O%20URL%20(Uniform%20Resource%20Locator,computador%20(host)%20na%20rede). Acesso em: 12 mar. 2020.
- 9 Como o Chrome, Opera, Edge, Firefox etc.
- 10 Como o Google, Yahoo, Baidu etc. O Google foi criado por Larry Page e Sergey Brin em 4 de setembro de 1998 e com oferta pública em 19 de agosto de 2004, e ainda é o melhor em relevância de resultados, velocidade de indexação de sites e de execução de pesquisas.
- 11 Como a Amazon, por exemplo, criada por Jeff Bezos em 5 de julho de 1994.
- 12 Como Netflix, por exemplo, criada em 1997.
- 13 Como Facebook, por exemplo, criada em 2003 por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes e lançada em 4 de fevereiro de 2004.
- 14 Em 2017, havia o equivalente a uma biblioteca do Congresso Americano para cada 15 pessoas, e se duplica a cada 2 anos. Hilbert, Martin. 2017. 'Despreparada para a era digital, a demoracia está sendo

destruída' afirma guro do 'big data'. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-39535650>. Acesso em: 12 mar. 2020.

15 Spotify é um serviço de streaming de música, podcast e vídeo que foi lançado oficialmente em 7 de outubro de 2008.

16 Ideias I (HUA III, 56-57) e Meditações cartesianas (HUA I, 64).

Referências

BRAILOVSKAIA, J.; TEISMANN, T.; MARGRAF, J. Positive Mental Health Mediates the Relationship Between Facebook Addiction Disorder and Suicide - Related Outcomes: A Longitudinal Approach. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, v. 23, n. 5, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32216638/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

BRAINARD, M. *For a New World: on the practical impulse of Husserlian theory*. Springer Science+Business Media B.V., v. 23, p. 17-31, jan. 2007.

CAVALLINI, R. Nova geração da IA é tão poderosa que seu uso é assustador. *Tilt*. O canal de tecnologia do UOL. 20 jul. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/colunas/ricardo-cavallini/2020/07/20/nova-geracao-da-ia-e-tao-poderosa-que-seu-uso-e-assustador.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

CADWALLADR, C. *The great British Brexit robbery: how our democracy was hijacked*. London: The Guardian. 7 maio 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2017/may/07/the-great-british-brexite-robbery-hijacked-democracy>. Acesso em: 9 ago. 2019.

CHATTERJEE, A. Artificial Intelligence based IoT Automation:Controlling devices with Google and Facebook. *International Research Journal of Engineering and Technology (IJET)*, v. 05, n. 04, abr. 2018.

DESCARTES. *Discurso sobre o método*. Quinta parte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FARNADI, G.; ZOGHBI, S.; MOENS, M.-F.; DE COCK, M. Recognising Personality Traits Using Facebook Status Updates. *Association for the Advancement of Artificial Intelligence*. Leuven: jan. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/286390842_Recognising_personality_traits_using_facebook_status_updates. Acesso em: 12 abr. 2020.

GRIFFIN, A. Facebook's artificial intelligence robots shut down after they start talking to each other in their own language. *Independent*. 31 jul. 2017. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/life-style/facebook-artificial-intelligence-ai-chatbot-new-language-research-openai-google-a7869706.html>. Acesso em: 12 abr. 2020.

HUSSERL, E. Investigaciones lógicas. (Manuel G. Morente y José Gaos, Trad.) Madrid: Revista de Occidente. 1976. Original: HUA XVIII. *Logische Untersuchungen. Erster Band: Prolegomena zur reinen Logik*.

HUSSERL, E. *Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy*. Second book. (R. Rojcewicz and A. Schuwer, Trad.) The Hague: Kluwer Academic Publishers. 1993. Original: HUA IV. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und*

phänomenologischen Philosophie. Zweites Buch: Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution.

HUSSERL, E. Ideas relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica. Libro segundo: *Investigaciones fenomenológicas sobre la constitución.* (Antonio Ziri6n, Trad.) M6xico: UNAM, Instituto de Investigaciones Filos6ficas, Fondo de Cultura Econ6mica. 2005.

HUSSERL, E. Investiga66es L6gicas. Primeiro volume: *Proleg6menos 6 L6gica Pura.* (Diogo Ferrer, Trad.) Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2005. Original: HUA III. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch: Allgemeine Einf6hrung in die reine Phänomenologie.*

HUSSERL, E. Investiga66es L6gicas. Segundo volume, *Parte I: Investiga66es para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento.* (Pedro M. S. Alves e Carlos Aur6lio Moruj6o, Trad.) Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2007. Original: HUA XIX. *Logische Untersuchungen. Zweiter Band: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis.*

HUSSERL, E. Investiga66es L6gicas. Segundo volume, *Parte II: Investiga66es para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento.* (Carlos Aur6lio Moruj6o, Trad.) Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2007.

HUSSERL, E. *A crise das ci6ncias europ6ias e a fenomenologia transcendental. Uma introdu66o 6 filosofia fenomenol6gica.* (Diogo Falc6o Ferrer, Trad.) Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2008. Original: HUA VI. *Die Krisis der europ6ischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie.*

HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenol6gica.* (M6rcio Suzuki, Trad.) Aparecida, SP: Ideias & Letras. (Originalmente publicado em 1913) 2006.

HUSSERL, E. *Ideas pertaining to a pura phenomenology and to a phenomenological philosophy.* First book. (F. Kersten, Trad.) The Hague: Kluwer Academic Publishers. 1983.

HUSSERL, E. *Medita66es cartesianas.* Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2010. Original: HUA I. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vortr6ge.*

LEWIS, P.; HILDER, P. *Leaked: Cambridge Analytica's blueprint for Trump victory.* San Francisco: The Guardian. 23 mar. 2018. Dispon6vel em: <https://www.theguardian.com/uk-news/2018/mar/23/leaked-cambridge-analyticas-blueprint-for-trump-victory>. Acesso em: 10 fev. 2020.

LUXTON, D. D.; JUNE, J. D.; FAIRALL, J. M. Social Media and Suicide: A Public Health Perspective. In Framing Health Matters. *American Journal of Public Health*, Supplement 2, v. 102, n. S2, p. 195-200, 2012.

MATZ, S. C.; KOSINSKI, M.; NAVE, G.; STILLWELL, D. J. Psychological targeting as an effective approach to digital mass persuasion. *PNAS*, v. 114, n. 48, nov. 2017.

MYERS, D. *Psicologia.* 7. ed. Rio de Janeiro: LTC Ed. S.A, 2006. p. 509.

RUSSELL, S.; NORVIG, P. Artificial Intelligence. A Modern Approach. *Forth Edition.* Pearson, 2020.

SCHWAB, K. *A Quarta Revolu66o Industrial.* S6o Paulo: Edipro, 2019.

- TANENBAUM, A. S.; WETHERALL, D. *Redes de computadoras*. México: Pearson education, 2012.
- TANI, T. Life and life-world. *Husserl Studies*, n. 3, p. 57-78, 1986. Martinus Nijhoff Publishers, Dordrecht. Printed in the Netherlands.
- THEOCHARIS, Y.; LOWE, W. Does Facebook increase political participation? Evidence from a field experiment. *Information, Communication & Society*, Routledge, p. 1565-1486, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/1369118X.2015.1119871>. Acesso em: 12 abr. 2020.
- TURING. A. Computing Machinery and Intelligence. *Mind. A Quaterly Review of Psychology Ans Philosophy*, v. LIX, n. 236, out. 1950.
- TROMHOLT, M. The Facebook Experiment: Quitting Facebook Leads to Higher Levels of Well-Being. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, v. 19, n. 11, 2016. DOI: 10.1089/cyber.2016.0259.